

DEVIR MONTANHA

Por **Natália Goldschmidt Guidetti**

Inverno de 2020.

funciona assim, parecido mesmo com o movimento que antecede o terremoto. ficam elas, palavras, sendo pressionadas, recicladas em meu interior. um ciclo de rochas-palavras que, sem aviso, resolve emergir à superfície da crosta terrestre. ora como explosão, lava quente que escorre pelas fissuras deste vulcão, ora trêmulas como terremoto, às vezes vira até maremoto, às vezes, marola leve.

escrevi isso esses dias: palavras pra mim, sofre transformação, metamorfismo de significado, muda sua composição como quando o granito vira gnaisse e seguem diferentes usos e devires do mundo mineral. minhas palavras hoje são metamorfoseadas pela pressão pandêmica, este agente exógeno de formação de relevo, e também por fricção endógena, aperto e batida de meu coração.

para essa poesia que ousa ser também relato, um pouco do que tenho pensado: penso no meu casamento com a ciência que escolhi estudar e, mais que isso, as lentes que transformaram para sempre meu olhar. a geografia para mim transita entre mãe e amante. tão próxima, tão necessária. no preparo das aulas da semana, penso em como fazer para que ela adentre as casas de meus alunos e alunas, e ocupe o seu lugar genuíno. a geografia mora nos olhos de uma criança curiosa do mundo, das relações, das cores, montanhas, lagos, amores.

ela abre a porta para filosofia e é amiga de todas as suas ciências irmãs. é guardiã da linguagem cartográfica, arte de estar.

chegou o dia da aula. tudo pronto, 08:30h em ponto!

“lá” estou eu, “lá” estamos nós...estamos? onde?

que espaço é esse que se engendra no tempo de agora? como cartografar a sala de aula que sugere um navegar? sala de aula era lugar, continha múltiplas paisagens de olhar.

pois bem, os olhares agora estão distantes, alguns inacessíveis... *“minha câmera está com problema, professora”*...tudo bem, nosso par de câmeras naturais, aquelas de diferentes cores muitas vezes embaçam também, e nós nem precisamos estar online pra isso...quando os olhos embaçam é preciso cuidar: as paisagens ficam turvas, embaçam as lentes de dentro pra fora... *“minha câmera também não tá funcionando hoje, professora!”*... ei pessoal, está certo, entendi....meu desejo é que, ainda que nesse espaço outro, mediado por câmeras, nossos olhos se mantenham na altivez de um coração acolhido, mesmo que, sobretudo agora, ferido.

a geografia é minha companheira na busca por olhos de uma juventude que, como novas rochas, tornar-se-ão montanhas inteiras.